

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS ITABERAÍ
CURSO DE PEDAGOGIA**

Valeria Rodrigues

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
Tabus e desafios enfrentados pelos educadores

ITABERAÍ – GO
2017

Valeria Rodrigues

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
Tabus e desafios enfrentados pelos educadores

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Itaberaí, sob orientação do Prof. Dr. Rezende Bruno de Avelar

ITABERAÍ
2017

VALERIA RODRIGUES

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
Tabus e desafios enfrentados pelos educadores

Relatório final, apresentado a Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Itaberaí, como parte das exigências para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Local, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rezende Bruno de Avelar
Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Itaberaí

Prof.^a Lilian Barbosa Morais
Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Itaberaí

Prof.^a Renata Tavares de Brito Faletti
Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Itaberaí

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por mais esse sonho concretizado, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, socorro presente na hora da angústia, desespero e medo, ao meu pai, mãe e minha filha. Aos ensinamentos de todos os professores que sempre estiveram presentes nessa árdua caminhada, e também a mim, que mantive o foco para não desistir dos meus ideais.

"Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-los; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem."

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Este trabalho de pesquisa bibliográfica foi realizado com objetivo de aprender e compreender o conceito de Gênero e também descobrir como se dá o processo de educação/orientação sexual na escola. Também servirá para auxiliar na formação e preparação de possíveis profissionais de algumas áreas da educação.

Porém o papel da equipe escolar na criação de projetos específicos para atender esta demanda é de suma importância, devem existir ações que auxiliem no trabalho pedagógico e na preparação e qualificação dos profissionais e equipe responsável.

O método empregado foi o qualitativo na tentativa de compreender algumas atitudes inerentes ao tema.

As informações levantadas através de análise bibliográfica foram de grande importância para o aprofundamento desse tema, que pretende mostrar a necessidade de uma boa formação, como forma de estimular o educando a uma reflexão sobre questões relacionadas ao Gênero e Sexualidade em seus diferentes aspectos.

PALAVRAS CHAVE: Gênero, Educação e Sexualidade. Prática docente.

ABSTRACT

This work of bibliographical research was carried out with the purpose of learning and understanding the concept of Gender and also to discover how the process of education / sexual orientation in the school takes place. It will also help to train and prepare potential professionals in some areas of education.

However, the role of the school team in the creation of specific projects to meet this demand is of paramount importance, there should be actions that assist in the pedagogical work and in the preparation and qualification of the professionals and responsible team.

The method employed was qualitative in the attempt to understand some attitudes inherent to the theme.

The information gathered through bibliographic analysis was of great importance for the deepening of this theme, which intends to show the need for a good formation, as a way to stimulate the student to reflect on issues related to Gender and Sexuality in their different aspects.

KEY WORDS: Gender, Education and Sexuality. Teachingpractice

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. CONCEITOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE.....	11
3. SEXUALIDADE NA ESCOLA.....	16
3.1. Orientação sexual na escola: tabus e desafios nas relações professores e alunos ao discutir a sexualidade.....	22
4. A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE....	25
5. CONCLUSÃO.....	28
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem o objetivo de mostrar os conceitos de gênero e sexualidade, os autores Alves e Pitanguy (1985) em sua obra *O que é Feminismo*, definiram Gênero como uma construção sociocultural, cabendo ao homem e a mulher papéis diferentes na sociedade, e que eles dependem da política, dos costumes de cada lugar e das experiências vividas no dia a dia.

Quanto ao conceito de Sexualidade o Parâmetro curricular Nacional (PCN) de Orientação Sexual (2000) aponta que:

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, além da sua potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental das pessoas. (PCN 2000, pg. 295)

Então percebe-se a complexidade da sexualidade, onde ela está ligada a diversas sensações existentes no corpo do ser humano, que gera inúmeras confusões por ser um tema complexo e de difícil compreensão. Tornando dessa maneira importante a discussão sobre a Sexualidade no âmbito familiar e escolar entre crianças e adolescentes, também mostrar que há necessidade da inclusão de um trabalho de Orientação Sexual em casa e no espaço escolar envolvendo alunos, pais e educadores.

Pois o tema ainda em si causa alvoroço, despertando certo desconforto e gerando muitas opiniões divergentes, porém não é lembrado, mas a sexualidade está presente na vida do indivíduo desde seu nascimento até a terceira idade segundo a autora Furlani:

[...] A sexualidade se manifesta na infância, na adolescência, na vida adulta e na terceira idade. Esperar para abordar a sexualidade, apenas na adolescência, reflete uma visão pedagógica limitada, baseada na crença de que a "iniciação sexual" só é possível a partir da capacidade reprodutiva [puberdade] (FURLANI, 1998, p. 45).

Após o conceituar gênero e sexualidade há a necessidade de saber como ambos são tratados na escola. Visto que não há lugar melhor para os esclarecimentos acerca do tema do que na escola, pois as informações podem ser expostas com mais clareza e veracidade onde existem profissionais qualificados para contribuir com informações atualizadas. Só que em algumas escolas esse assunto pode não ser tratado de forma coerente entre crianças, adolescentes e equipe escolar. Sempre que surge um fato envolvendo o assunto, percebe-se certa dificuldade por parte dos profissionais da educação em lidar com a problemática. O Parâmetro Curricular Nacional (PCN) de

Orientação Sexual (2000), afirma que as manifestações sexuais afloram em todas as faixas etárias e que ignorar ocultar e reprimir ou fazer vistas “grossas” são os modos habituais dos profissionais da escola.

Geralmente ignorar o problema pode ser mais fácil e interessante do que resolvê-lo, pois para essa resolução geralmente cabe um esforço por parte da escola, tendo que fazer uma parceria com a família para abordar o assunto para que ele deixe de ser tabu.

Devido aos diferentes modelos de família existentes no século XXI nem sempre os pais e mães estão presentes na criação de seus filhos, ou quando estão não conseguem orientá-los, devido à grande complexidade e dificuldade que o assunto trás, pois a maioria dos pais ou demais componentes que constituem a família em que a criança está inserida, procuram por respostas esclarecedoras para lidar com a sexualidade dos filhos, e não usam de uma ferramenta simples e correta que é a naturalidade dos fatos para falar do assunto. Segundo Suplicy (1983) não há maneira certa ou errada de educar os filhos, nem uma maneira correta de agir com a sexualidade deles, que elimine todos as dúvidas.

O tratamento feito acerca desse tema é imprescindível, pois o papel da família é muito significativo, motivo pelo qual deve ter uma cumplicidade com a escola para a constituição da criança e adolescente como pessoa.

Falar de sexualidade no contexto familiar ainda é motivo de grandes discussões, por ser uma temática de difícil contextualização e encontra-se mergulhada em tabus, com isto gera problemas e dificulta o diálogo entre os membros da casa. Geralmente as questões sobre sexualidade são construídas e desenvolvidas pela criança ou adolescente de acordo com que eles recebem da família em que convive. Pois de acordo com Cruz (2010) a família constitui o contexto primário da educação. De certa forma essa educação vem sendo inserida de diferentes formas nos contextos familiares, sendo feita de maneira indireta sem saber que está educando sexualmente. Porém dá-se então à importância do diálogo aberto com os familiares e a escola, onde ajudará os jovens a entender as relações de gênero e a exercerem sua sexualidade com responsabilidade e prazer, na tentativa de desassociar a sexualidade aos “tabus” e preconceitos existentes na sociedade.

1. CONCEITOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Em primeiro lugar é necessário definir os conceitos de gênero e sexualidade para poder discutir as temáticas referentes aos assuntos. Começando por Alves e Pitanguy (1985) em sua obra *O que é Feminismo*, que definiram Gênero como uma construção sociocultural, cabendo ao homem e a mulher papéis diferente na sociedade, e que eles dependem da política, dos costumes de cada lugar e das experiências vividas no dia a dia. Já Bourdieu, em sua obra “*A Dominação Masculina*” (2012) aponta que essa divisão existente na sociedade parece estar na ordem natural das coisas, fazendo com que a mulher não seja valorizada e respeitada.

A compreensão que se desenvolveu diante da temática envolvendo Gênero é observado e construído no conjunto de representações sociais e culturais adquiridas através das diferenças biológicas entre os sexos.

Porém, Guacira Louro chama atenção em sua obra “*Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*” (1997), para a forma com que são representados e constituídos os conceitos sobre gênero,

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. Ao dirigir o foco para o caráter “fundamentalmente social”, não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. (LOURO, 1997, pg. 21,22.)

Os conceitos de gênero que foram construídos por diferentes autores comprovam que é historicamente social a sua estruturação, que se dá em uma sociedade constituída por diversos grupos sociais, que ditam suas preferências e julgam o que acha correto ou não, fazendo com que as relações de gênero se estabeleçam dentro desse sistema hierárquico gerando relações de poder.

Antigamente só se sabia o que sexo do bebê após o nascimento. Atualmente temos os ultrassons que antecipa essa parte e a partir disto é só começar os preparativos para a vinda da criança. Se for menina tudo rosa, caso seja menino tudo azul. “Minha filha vai ser meiga, carinhosa, delicada”;

“Já meu filho vai ser macho, forte, jogador de futebol”. Mas o que isto tem a ver com gênero e suas relações?

Tudo, Galvão (2000), mostra que as relações de gênero são produto de um processo de ensinamento que se inicia no nascimento e continua ao longo de toda a vida e reflete aquilo que as pessoas aprendem através do que vivenciam em casa, na escola, na igreja, na sociedade em geral.

Assim com esses ensinamentos, vão surgindo os modelos de homens e mulheres de nossa sociedade e configurando as relações de gênero.

Ainda conceituando gênero, Scott (1989) reafirma que gênero é fruto das construções sociais.

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1989, pg.7).

Gênero, porém, no cunho social define as origens do homem e da mulher, e também segundo a autora Joan Scott (1989) ele é compreendido como conceito associado ao estudo das coisas voltado às mulheres.

Mas diante de tanta informação sobre conceito de gênero, como que ele surgiu? O termo foi se formando através dos anos, com movimentos sociais feministas no final do século XIX e ganhando força no século seguinte como mostra Louro (1997)

Na virada do século, as manifestações contra a discriminação feminina adquiriram uma visibilidade e uma expressividade maior no chamado "sufragismo", ou seja, no movimento voltado para estender o direito do voto às mulheres. Com uma amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais (ainda que com força e resultados desiguais), o sufragismo passou a ser reconhecida, posteriormente, como a "primeira onda" do feminismo. Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas (embora circunscrito a alguns países) foi seguido de uma certa acomodação no movimento. (LOURO 1997, pg. 14,15).

Tantas manifestações foram feitas para poder obter o direito do voto, a trabalho e salários dignos, direito a profissões qualificadas, que até hoje está em construção, porém, de forma passiva para aquisição dos direitos das mulheres, onde vivenciam a era democrática. E nesse contexto de comoção social e transformação, o movimento feminista contemporâneo ressurge expressado também através de livros, com as escritoras que se destacaram

nesse cenário feminista, sendo elas: Simone de Beauvoir na França (1970), Joan Scott nos Estados Unidos (1989), Guacira Lopes Louro no Brasil (1997) e várias outras que destacaram e marcaram esse novo momento.

E diante desse novo momento que as escritoras acima ajudaram a construir percebe-se a necessidade de estabelecer um olhar voltado para o cenário escolar para tratar a questão relacionada a assuntos ligados à construção de Gênero. Diante desses aspectos os educadores podem repensar a forma de tratamento em sala, tomando o cuidado para não direcionarem suas falas sempre para o masculino, pois não há apenas meninos em sala, essa atitude pode vir a desencadear favorecimento de gênero sobre o outro. Sendo assim, Casagrande (2009) fala que,

Caberia aos educadores e educadoras refletir sobre as práticas educacionais, buscando não reforçar preconceitos, discriminações e violências de gênero, assumindo para si como um dos objetivos da educação o enfrentamento das inúmeras formas de violência, a promoção da equidade de gênero (CASAGRANDE, 2009. pg 14).

Muitas vezes a violência sutil de gênero inicia-se ao não nomear as meninas, fazendo uso de uma linguagem exclusiva e seletiva. As práticas educativas escolares podem ser melhores elaboradas e os educadores mais atentos para que não haja atitudes discriminatórias quanto à diferenciação dos gêneros entre os alunos e também sobre o entendimento do processo de construção da sexualidade, que será discutida logo mais.

Diante de algumas experiências vividas, e observações sobre o comportamento humano, foram surgindo dúvidas e diferentes visões acerca do que é sexualidade, o que serviram de motivação para abordar esse tema.

Sexualidade é um processo que vai do nascer e nos acompanha até a morte, abrangendo não só o corpo, mas a história, costumes, relações afetivas e culturais.

Ter o conhecimento do corpo e de seu funcionamento cria certa segurança quando houver à necessidade de desenvolver ações esclarecedoras do processo de descobrimento e entendimento de sua sexualidade. Diante dessa fala o PCN (2000) vem confirmar que a sexualidade é,

Parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual

também deveria ser considerada como um direito humano básico. (BRASIL, 2000, pg. 295)

Visto que a sexualidade é de suma importância na vida do ser humano, e está presente em diversas áreas existente: tais como corporal, emocional, social, ética, moral, e religiosa.

A sexualidade é considerada uma das esferas existentes no ser humano que engloba uma gigantesca complexidade que ultrapassa inúmeras sensações existentes no corpo do homem e da mulher. Porém o Parâmetro curricular Nacional (PCN) de Orientação Sexual (2000) aponta que:

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, além da sua potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental das pessoas. (PCN 2000, pg. 295)

Então percebe-se a complexidade da sexualidade, onde ela está ligada a diversas sensações existentes no corpo do ser humano, que gera inúmeras confusões por ser um tema complexo e de difícil compreensão.

O filósofo francês Michel Foucault (1998) fala que desde meados século XVII este assunto é tabu, alvo de repressões e que as pessoas tinham um discurso distorcido sobre a sexualidade, de forma que os valores e conceitos repassados aos indivíduos no decorrer de sua existência têm uma forte influência da sociedade tradicionalista de cada época. E em meio a essa sociedade tradicionalista que atravessa os séculos e gerações ainda criando e impondo regras e normas carregadas de poder acerca do comportamento sexual dos homens e mulheres, impondo que as mulheres são diferentes e inferiores aos homens. Louro (2003) fala que no meio social é onde se constroem e reproduz relações de desigualdade e preconceito entre os sujeitos. Porém pode-se entender que as relações de gênero e entendimento da sexualidade são criadas através das situações cotidianas, onde o indivíduo sem esclarecimento acaba criando seu próprio conceito dentro do meio que ele vive.

Em meio à importância da discussão dessa temática houve a necessidade de diferenciar Orientação Sexual de Educação Sexual para melhor entendimento do contexto desse modo o “Guia de Orientação Sexual”, (1994) vem falando que,

A Orientação Sexual quando utilizada na área da Educação, deriva do conceito pedagógico de orientação educacional, definindo-se como o processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente nas escolas, propõe em fornecer

informações sobre a sexualidade e a organizar um espaço de reflexões e questionamentos sobre posturas, tabus, crenças, e valores e respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais. Esse é o conceito adotado pelo Guia. (GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL. 1994 pg. 8).

Com a fala acima se observa a importância da orientação sexual no currículo escolar, pois nele crianças e adolescentes podem encontrar possíveis respostas para seus questionamentos.

Pois, nos mais variados cenários familiares pode haver repressões sobre os assuntos referentes a sexo, e a sexualidade pode vir a ser abordada de várias formas, dependendo somente das inúmeras concepções e crença formada por cada família. Em alguns espaços ocorre de encontrar opiniões carregadas de preconceitos, já em outros, essas discussões geralmente ocorrem de forma livre e com grande aceitação, de acordo com o “Guia de Orientação Sexual” (1994) essa dialética da concepção acerca do entendimento e compreensão da sexualidade é chamado de Educação Sexual, que é na família, lugar onde o indivíduo está inserido, que,

“inclui todo o processo informal pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia” (GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL. 1994 pg. 8).

Esses ensinamentos sobre os assuntos ligados a sexualidade podem ser melhor trabalhado quando família e escola trabalham juntos. La Taille (2002) explica que o cenário da educação aponta as duas grandes fontes de educação para criança: família e escola, sendo elas agentes facilitadores que devem deixar claros os seus valores e definições sobre a vida.

2. SEXUALIDADE NA ESCOLA

Após o conceituar gênero e sexualidade há a necessidade de saber como ambos são tratados na escola. Foi indispensável à construção deste capítulo, que tem como objetivo mostrar e discutir as visões sociais que norteiam essa temática dentro da escola, pois é um assunto desafiador ao ser discutido em qualquer âmbito da sociedade.

E não há lugar melhor para os esclarecimentos acerca do tema do que na escola, pois as informações podem ser expostas com mais clareza e veracidade onde existem profissionais qualificados para contribuir com informações atualizadas. Diante dessas premissas, Felipe (2001) defende que mediante ao acesso as informações que as crianças têm, a sexualidade e a construção de gênero são vistos de forma errônea e discriminatória. Onde as imagens vistas por eles associam a mulher como objeto sexual, e as famílias não sabem como lidar com tal situação. É onde entra a escola para poder sanar as dúvidas de forma correta, e de acordo com o PCN (2000), cabe a escola:

A Orientação Sexual oferecida pela escola aborde com as crianças e os jovens as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança e o adolescente já possuem e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio eleger como seus (PCN 2000, pg.300).

Visto que a escola pode ser um dos lugares que se pode ter acesso às informações verdadeiras repassadas por profissionais da área, daí espera-se do aluno com todos esses conteúdos o desenvolvimento de atitudes coerentes ao que foi a ele passado.

Porém, em algumas escolas esse assunto pode não ser tratado de forma coerente entre crianças, adolescentes e equipe escolar. Sempre que surge um fato envolvendo o assunto, percebe-se uma certa dificuldade por parte dos profissionais da educação em lidar com a problemática. O Parâmetro Curricular Nacional (PCN) de Orientação Sexual (2000), afirma que as manifestações sexuais afloram em todas as faixas etárias e que ignorar ocultar

e reprimir ou fazer vistas “grossas” são os modos habituais dos profissionais da escola. Essas atitudes advindas dos profissionais devem ser repensadas, porque podem desencadear traumas na criança ou adolescente. Falar e trabalhar a sexualidade no espaço escolar pode não ser fácil, devido a diversos fatores. Ao tratar desse assunto as falas quase sempre são carregadas de vergonha, ou como piada, os alunos expõem o que sentem nos muros e paredes das escolas, outrora com os próprios colegas de forma errada. O PCN (2000) reforça essa ideia dizendo que:

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela. (PCN 2000, pg.292)

Geralmente ignorar o problema pode ser mais fácil e interessante do que resolvê-lo, pois para essa resolução geralmente cabe um esforço por parte da escola, tendo que fazer uma parceria com a família para abordar o assunto para que ele deixe de ser tabu. A escola tem por finalidade repassar as informações de forma mais sucinta possível, sem medo de entrar em conflito com a família dos alunos, como fala Rohden (2009).

Outros aspectos salientados foram às dúvidas a respeito do momento adequado para se falar desses temas com os/as alunos/as, como se houvesse uma idade certa para começar a discutir sobre sexualidade ou discriminação racial. Parece haver um receio em tratar desses temas e, sobretudo, medo de contrariar as famílias. Mais uma vez parece que a tensão entre público e privado, entre escola e família opera no sentido de provocar mais paralisia do que transformação (ROHDEN 2009, pg. 172).

Diante disso, os educadores tem que terem uma postura democrática que possa levar os alunos a refletirem de forma abrangente.

Quando os adolescentes começam com expressões mais adultas, eles podem questionar ou vão à procura em sites duvidosos para sanar suas curiosidades. Isto acontece porque eles passam por inúmeras transformações físicas e psicológicas, e dentre elas está o surgimento da curiosidade e maturidade sexual e suas características. Para a criança e adolescente esse processo todo é novo, pois está ocorrendo transformações em seu corpo que ele ainda não entende, onde surge uma enorme quantidade de desejos acompanhada de medos e insegurança. Pois os jovens estão iniciando cada

vez mais cedo seus relacionamentos sexuais, e na maioria das vezes sem proteção alguma.

No entanto a orientação sexual nas instituições deve ocorrer mediante o diálogo, com professores ou profissionais capacitados para esclarecer possíveis dúvidas. O professor tem que observar o amadurecimento da sexualidade dos seus alunos e ensiná-los a lidar com ela, sem criar problemas no ambiente familiar e escolar, havendo sempre a comunicação com a família, sendo que o educador deve lidar com a temática sem impor padrões diferentes aos das famílias.

Devido aos diferentes modelos de família existentes no século XXI nem sempre os pais e mães estão presentes na criação de seus filhos, ou quando estão, não conseguem orientá-los, devido à grande complexidade e dificuldade que o assunto trás, pois a maioria dos pais ou demais componentes que constituem a família em que a criança está inserida, procuram por respostas esclarecedoras para lidar com a sexualidade dos filhos, e não usam de uma ferramenta simples e correta que é a naturalidade dos fatos para falar do assunto. Segundo Suplicy (1983) não há maneira certa ou errada de educar os filhos, nem uma maneira correta de agir com a sexualidade deles, que elimine todos os problemas.

É necessário, que haja um esclarecimento do assunto, pois as dúvidas irão continuar, e pra essa explanação ser bem colocada seria bom um ambiente familiar tranquilo sem repressões, onde qualquer assunto possa ser dialogado, e as informações sejam verdadeiras e dosadas na medida do interesse das crianças ou adolescentes. O problema é que a criança ou adolescente fica envergonhado ou com medo, e não sabe a quem recorrer devido à diversidade de opiniões, valores e costumes presentes em cada família. Esta dificuldade em lidar com a sexualidade esta agregada ao fato de que as pessoas não conseguem compreender a sexualidade como algo dependente da vida e da saúde. O sexo sempre foi visto e ligado ao que é feio, proibido, profano, mas as pessoas nem mesmo existiria sem ele.

Este assunto de extrema importância pode ser tratado na escola, mas em parceria com os familiares, pois este assunto não deve ser fixado apenas no âmbito escolar. Para que isto não aconteça de forma ambígua é necessário que a escola tenha um respaldo da família sobre o que está sendo visto e trabalhado, podendo convidá-los para assistir os debates juntamente com os

alunos e esteja aberta para orientá-los no caso de não saberem como lidar com os questionamentos dos filhos.

A criança chega na escola com todo tipo de falta de informação e geralmente com uma atitude negativa em relação ao sexo. “As dúvidas, as crendices e posições negativas que serão transmitidas aos colegas”. (SUPLICY, 1983).

Orientar sexualmente não é só repassar informações e falar sobre o aparelho reprodutor masculino e feminino, é a transmissão de informações, conteúdos e valores típico do ser humano equilibrado. É importante analisar a preparação didática e psicológica dos educadores para falar do assunto. Pois muitos podem ter dificuldade em lidar com a própria sexualidade, havendo problemas consigo mesmo ou com o parceiro (a), onde ao depararem com uma situação nova e diferente passam a tratar o assunto com certa inquietação e insegurança.

Os professores não podem esquecer que eles são educadores e também responsáveis pelos processos de formação mais ampla e humanista dos alunos. Sendo que muitos professores passam a maior parte do tempo com eles, e podem tentar sanar as dúvidas e medos.

Nesse processo de construção poderá ajudar quando professores e família recordarem a fase de adolescência, assim veriam que também passaram por esses os medos, angústias e dúvidas, como foi a experimentação de seus desejos, descoberta do corpo e analisando se houve dificuldades ou não no campo da descoberta da sexualidade. Talvez com um caminho de reflexão assim, poderão se aproximar dos alunos e filhos com mais facilidade.

Durante muito tempo assuntos ligados ao sexo e sexualidade era extremamente ignorados dentro dos espaços escolares, eram proibido para não aguçar a curiosidade dos alunos, criando com essas atitudes os tabus dos valores socioculturais. Contudo, para que a criança tenha um bom entendimento da amplitude e complexidade desse tema ela precisa ter uma orientação sexual bem elaborada sendo ela advinda do trabalho da escola com colaboração com família, pois é dentro da escola que a criança expressa seus desejos e sentimentos, através seus trabalhos e das relações interpessoais.

Louro (1997) vem afirmando que:

As questões referentes a sexualidade estão, queira-se ou não, na escola. Elas fazem parte das conversas dos/as estudantes,

elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula- assumidamente ou não nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes (LOURO 1997, pg.131).

A sexualidade está presente na vida de todos na escola, os adolescentes por sua vez expressam sua sexualidade por onde passam, reproduzindo-a na sua vivência amorosa, roupas, músicas, linguagem gestual e de todas as formas possível e os educadores de forma mais reservada também expõem a sua sexualidade.

No entanto é de suma importância que as escolas tenham profissionais capacitados para trabalhar a temática, cabe ao professor fazer uma reflexão do que é abstrato para o educando e respeitar suas experiências ajuda-los nas diversas situações de aprendizagem.

Segundo Braga

Além da própria experiência pessoal, os (as) educadores (as) precisam de uma mudança de atitude, quererem aprender, abrirem-se ao desafio [...].Necessitam participar de cursos, debates, grupos de estudos entre outras atividades de capacitação, possibilitando assim uma troca de experiências entre o grupo profissional (BRAGA, 2009, p.133).

A partir da fala do autor acima percebe-se a importância do trabalho docente, onde ele poderá estar relacionado em estudos sobre a sexualidade, e tenha visto a necessidade de problematizar, questionar, dialogar e compreender os elementos sociocultural e históricos que constituem esse aspecto da vida do aluno. Dessa forma, é enfatizada a importância da formação inicial e continuada em torno de assuntos ligados a sexualidade, em uma perspectiva teórica e metodológica de forma que os autores Camargo e Ribeiro (1999) afirmam que os:

Os currículos dos cursos de formação de professores e professoras deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando possibilidades do corpo e das emoções. Conhecer a sexualidade não significa aprender a estrutura dos genitais. Educação sexual centrada na genitalidade advém de uma educação que disciplina, organiza e concentra o prazer nos genitais; assim procedendo, anestesia o resto do corpo (CAMARGO & RIBEIRO, 1999, p.50).

Pode ser que ainda ocorra entre a maioria dos professores (as) a concepção de sexualidade reduzida à compreensão biológica, priorizando atividades que visam pela higiene e prevenção no contexto da saúde. Camargo

(2007) em sua obra “Sala de Aula e Cotidiano Escolar. In: Cotidiano Escolar – emergência e invenção” confirma a necessidade de profissionais capacitados para trabalhar com educação sexual, pois, segundo ela a sala de aula tem diversos conceitos e experiências que fazem parte do cotidiano de cada criança, e que não estão mencionados nos currículos escolares e, que podem proporcionar ao professor (a) situações novas que requerem novos conhecimentos, para que não ocorram situações de preconceito, assunto que vai ser tratado no próximo item.

2.1. Orientação sexual na escola: tabus e desafios nas relações professores e alunos ao discutir a sexualidade.

A sexualidade é um processo que se inicia na infância e dura a vida toda, e não pode deixar a criança chegar a adolescência para poder abordar sobre a sexualidade, Furlani afirma que:

[...] A sexualidade se manifesta na infância, na adolescência, na vida adulta e na terceira idade. Esperar para abordar a sexualidade, apenas na adolescência, reflete uma visão pedagógica limitada, baseada na crença de que a “iniciação sexual” só é possível a partir da capacidade reprodutiva [puberdade] (FURLANI, 1998, p. 45).

Percebe-se que a sexualidade está presente em todos os momentos da vida desde o nascimento até a terceira idade, crer que há um período ou uma época propícia para falar de assuntos relacionados à sexualidade, demonstra uma concepção fundamentada de preconceitos e tabus.

O tratamento feito acerca desse tema é imprescindível, pois o papel da família é muito significativo, motivo pelo qual deve ter uma cumplicidade com a escola para a constituição da criança como pessoa.

Ao colocar a sexualidade humana como objeto de trabalho pedagógico, pode estar buscando garantir uma boa vida e planejando o futuro com esperança de dias melhores para os alunos e seus familiares. Assim a escola trabalha para ajudar na compreensão e entendimento da sexualidade. Assis (1998, pg. 83) defende que a educação escolarizada deve ser consequência de uma ação intencional e transformadora da qualidade de vida do educando, reconhecendo a multiplicidade onde professores e alunos estão envolvidos.

Os educadores são formados para formar cidadãos críticos e formadores de opiniões, dando a eles a fórmula correta para interpretação da vida, para que isso ocorra, os professores têm que estar completamente atualizados, e sempre desenvolver projetos com base nas necessidades dos alunos como fala Casasanta (1998),

O educador tem que levar em conta a singularidade das experiências dos educandos, no contexto cultural de sua classe social e região de origem, cumpre caminhar em direção a universalidade do conhecimento científico. Analisar criticamente crenças e mitos em confronto com as informações obtidas pelas ciências é um recurso vigoroso para desenvolver a consciência do educando (CASASANTA 1998, pg.94).

Nesse contexto os professores podem atuar como instigadores questionadores, propiciando para os alunos a busca de novos conhecimentos levando-os a terem um aprendizado diferenciado, pois segundo Casasanta

(1998) a escola não pode ignorar essa realidade do aluno, além de ter um olhar a mais para o afetivo e cognitivo do aluno, criando meios para ele lidar com emoções ligadas a sexualidade longe de culpas e medos. Onde podem favorecer a diminuição dos altos índices de gravidez, casos de abuso sexual e doenças sexualmente transmissíveis.

O PCN sugere como proposta pedagógica uma ação que ative a forma de pensamento e auto formação do aluno, lembrando que esta ação é um seguimento da educação dada pela família do aluno. As preocupações existentes nos objetivos do PCN mostram que a função do trabalho de orientação sexual é:

Contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade sendo capazes de respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade; compreender a busca de prazer como um direito; conhecer seu corpo; valorizar e cuidar da sua saúde; identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade evitando comportamentos discriminatórios e intolerantes; identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos dos outros; proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores, evitar uma gravidez indesejada; tomar decisões responsáveis a respeito da sexualidade. (BRASIL, 1998, p.311).

Então percebe-se que o trabalho de orientação sexual que o PCN fala, trata de uma ultrapassagem das formas tradicionais do pensamento, onde a sexualidade era vista somente para as funções reprodutivas impedindo a manifestação dos comportamentos sexuais. Mas o novo pensamento acerca da orientação sexual conceitua a busca do prazer, desejos e sentimentos como membro do processo, buscando assim levar o aluno a ter sua própria auto formação e conhecimento de seus direitos, de modo a respeitar à diversidade e as variações sexuais.

Pode ser difícil para o educador falar da sexualidade, homossexualidade, abuso sexual e sexo de modo geral, quando se tem alunos que passam ou passaram por algum tipo de discriminação ou abuso, cabe ao profissional não aterrorizar-se.

Segundo Pádua (1998, pg.174), o educador deve adquirir novos conhecimentos para saber informar, ouvir, orientar e discutir de forma que ficará claro, onde o educando possa compreender que é errado, que a não deve se sentir envergonhado ou sentir culpa do que está acontecendo.

Desta maneira espera-se que a criança e adolescente que estiver passando por esta situação, adquiram confiança no educador e venha solicitar ajuda.

E a qualificação desse profissional ganhará grande importância para ajudar no entendimento e compreensão da sexualidade, onde contribuíra para tentar acabar com os preconceitos e dúvidas existente acerca do tema. Para Pádua (1998),

Quando se tem um diálogo aberto sobre o tema rompe com essa visão tradicionalista, percebendo a sexualidade como pratica de liberdade e responsabilidade numa dimensão ética e reestabelecendo o conceito integral de corpo em um encontro que une você com o outro (PADUA, 1998, pg.168).

E diante desse olhar libertador o grande obstáculo que a educação pode enfrentar encontra-se na tentativa de fazer com que as atuais e futuras gerações reconheçam e vivenciem os valores que os leva a construir um mundo mais humanizado.

Quando a criança inicia sua vida escolar ela não deixa e nem separa seus sentimentos, conflitos e necessidades de saber sobre a sexualidade que ela traz consigo nessa fase de transformações. Ela indiretamente procura auxílio na escola, de acordo com isso, Pádua (1998) aborda que,

Não ignorar essa realidade da adolescência, devendo fixar seus objetivos de modo a aliar o desenvolvimento cognitivo ao emocional, propiciando meios para que o jovem possa se alto conhecer e lidar com aspectos afetivos de sua sexualidade, sem culpas e sem medo. (PADUA, 1998, pg.169).

No entanto percebe se que a temática que envolve sexualidade pode ficar melhor quando discutida no espaço escolar, por profissionais qualificados que vão contribuir para a formação da criança enquanto cidadão. A educação sexual trabalhada nas escolas pode ter como objetivo fundamental, contribuir para que os alunos (as) possam viver suas sexualidades de forma mais emancipatória, prazerosae afetiva.

E que o envolvimento de todos no processo de compreensão da sexualidade possa vir facilitar a tomada de consciência dos educadores de que a sexualidade faz parte do ser humano e uma necessidade psicossocial de aprendizagem para adolescentes.

3. A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE.

Falar de sexualidade no contexto familiar ainda é motivo de grandes discussões, por ser uma temática de difícil contextualização e encontra-se mergulhada em tabus, com isto gera problemas e dificulta o diálogo entre os membros da casa. Geralmente as questões sobre sexualidade são construídas e desenvolvidas pela criança ou adolescente de acordo com que eles recebem da família em que convive.

A Educação sexual passada pela família vem ultrapassando gerações e pode conter fatores que contribui para o mau entendimento da sexualidade, visto que boa parte dos ambientes familiares tem discussões sobre sexualidade carregadas de atitudes repressoras ou até mesmo omitem informações por não saberem lidar com o assunto. O papel da família é cuidar da aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo, e ter a consciência de não reprimi-lo mediante as manifestações sexuais, nem colocar o sexo como proibido. Mas isto acontece por vários motivos ligados à religião, política, cultura e às vezes por falta de conhecimento. Pois de acordo com Cruz (2010) a família constitui o contexto primário da educação. De certa forma essa educação vem sendo inserida de diferentes formas nos contextos familiares, sendo feita de maneira indireta sem saber que está educando sexualmente. E o PCN (2000) vem mostrar que,

Na prática, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de “cuidados” recomendados, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem, são carregados dos valores associados à sexualidade que a criança e o adolescente apreendem. (BRASIL, 2000, pg. 291)

Assim demonstra a participação da família, na construção da sexualidade da criança e do adolescente em forma de carinho, cuidado, proibições, que mediante a tantas recomendações vão se formando as identidades sexuais e morais. A visão negativa que se criou da sexualidade está ligado ao ato libidinoso, ao proibido e as doenças.

Esses fatores podem ser um dos principais desafios para o não acontecimento do desenvolvimento e compreensão de como se desenvolve à vida sexual das pessoas. E na medida em que ocorre essa repressão aos atos

relacionados à construção da vida sexual, pode acontecer que a criança e o adolescente adquiram um aprendizado carregado de negatividade. E com essa concepção as crianças crescem pensando que assuntos sobre sexo não devem ser tratados com a família, que os órgãos sexuais e as sensações ligadas a eles podem ser motivos para ficarem envergonhados, (OLIVEIRA & DIAZ 1998. P.124).

E sobre essa repressão da família o PCN (2000) fala que se dá diante de:

Valores conservadores, liberais ou progressistas, professar alguma crença religiosa ou não, e a forma como o faz, determina em grande parte a educação das crianças e jovens. Pode-se afirmar que é no espaço privado, portanto, que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais vai construindo e expressando a sua sexualidade. (BRASIL, 2000, pg. 291).

Diante da fala do PCN sobre o conservadorismo transmitido pela família em relação às questões da sexualidade, a sociedade chega até agir de forma repressiva diante da temática, passando para criança e adolescente o medo de discutir em casa esse tema. Com todas essas atitudes percebe-se isso não dá fim aos desejos, curiosidades e sensações das crianças sobre as questões ligadas ao sexo.

No entanto a família pode repensar a forma e os métodos com que vai transmitir esses conhecimentos às crianças e adolescentes, usando assim uma linguagem de acordo com a idade de cada indivíduo em particular e em grupo. Sendo que o não compartilhamento desses conhecimentos pode ter influência na vida sexual desses indivíduos.

Pode surgir uma gravidez indesejada, transmissão de doenças sexualmente transmissíveis, fatos esses que estão sujeitos a acontecer devido à falta de diálogo e de orientação/educação correta por parte dos responsáveis. O fato é que muitos ainda podem encontrar-se cheios de dúvidas e não saber qual a melhor maneira de abordar a sexualidade com filhos, sendo que muito dos responsáveis vem de uma geração carregada de valores distorcidos, seja pela cultura ou valores religioso, dificultando esse processo de aprendizado da criança.

E na falta do diálogo adequado entre família e crianças e adolescentes, os meios de comunicação podem operar com força e grande influência nos

estímulos sexuais sem promover nenhuma forma de proteção e orientação sexual adequada.

Nesse aspecto, Carvalho (2009, p. 88) afirma que os meios de comunicação podem estimular a sexualidade em indivíduos que ainda não estão maduros o suficiente para ter uma vida sexual e nem estão prontos para assumir as consequências que podem resultar do exercício da sexualidade. Então, Canela (2009, p. 73) fala que a mídia, como qualquer outra instituição de socialização, não pode ser analisada de forma isolada. O tipo de efeito que a mídia produz é resultado de sua ação, mas também das famílias, das escolas, das religiões, enfim, do contexto social no qual cada indivíduo está inserido segundo Camela (2009).

Desse modo por mais que as famílias e escolas trabalhem juntas para que não aconteça essa erotização percebe segundo o autor acima que os meios de comunicação sempre irão interferir na educação das crianças e adolescentes. Porém, mesmo diante das transformações ocorridas na atualidade referentes aos comportamentos sexuais das crianças e adolescentes, muitas famílias poderão vir a continuar com a repressão acerca das manifestações sexuais dos filhos, acreditando que esse seja o modelo correto de educá-los sexualmente, prevalecendo uma conduta rigorosa na construção da sexualidade de seus filhos.

Essas transformações ocorridas na atualidade em torno do comportamento sexual, Louro (2000), afirma que elas fundam novos estilos de vida, passando a interferir em setores que acreditava que jamais mudariam, e que todas essas transformações afetam, sem dúvida, as formas de viverem e de construir as identidades de gênero e sexuais de cada indivíduo.

CONCLUSÃO

Pode-se dizer então que gênero diz à respeito das diferenças sexuais socialmente construídas entre o que é feminino e o que é masculino e são resultados de um processo que tem início desde o nascimento do ser humano e percorre toda a sua existência, e que vai reforçando entre homens e mulheres, principalmente em torno da sexualidade, reprodução, e divisão sexual do trabalho no âmbito público e da cidadania.

Segundo Oliveira & Dias 1998,

A desigualdade de gênero, como outras formas de diferenciação social, é um fenômeno estrutural com raízes complexas instituído social e culturalmente de tal forma que processa contidamente de modo quase imperceptível (OLIVEIRA& DIAS1998, pg.147)

A desigualdade de gênero é uma dimensão de cunho social, onde cabe a necessidade de todos lutarem para colocar fim a esse preconceito. Onde a participação da escola é imprescindível nessa luta, pois a educação é um dos processos pelos quais facilita a construção da identidade e intensifica o desenvolvimento as ações que faz parte de todo o ciclo de vida, sendo que a sexualidade também está junta nesse processo.

Sabendo da importância da sexualidade na vida das pessoas, percebe-se que suas potencialidades vão além da reprodução, está também relacionada com o sentimento que almeja pelo carinho afeto e a procura incessante pelo prazer, uma das necessidades indispensáveis na vida das pessoas.

A sexualidade pode ser desenvolvida na vida dos indivíduos de acordo com as potencialidades individuais e de acordo com o meio no qual está inserido.

As crianças e adolescentes em cada fase de sua vida possuem interesses sexuais diferentes e os expõem de várias formas. É necessário, porém devido ao grande número e acesso a informações, que tomem o devido cuidado para que essas informações cheguem a eles de forma adequada.

Dá-se então à importância do diálogo aberto com os familiares e a escola, onde ajudará os jovens a entender as relações de gênero e a

exercerem sua sexualidade com responsabilidade e prazer, na tentativa de desassociar a sexualidade aos “tabus” e preconceitos existentes na sociedade.

REFERENCIA BIBLIOGRAFICA

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1991.

BRAGA, Eliane Rose Maio. Sexualidade infantil: a importância da formação de professores (as) na questão de gênero. In: Educação no século XXI: Múltiplos desafios/ Sandra Regina Cassol Carbello, Sueli Ribeiro Comar (organizadoras). Maringá: Eduem, 2009.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Orientação sexual/Secretaria de Educação Fundamental**. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A **Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand. Brasil, 2012.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade (s) e Infância (s): A sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

_____. Sala de Aula e Cotidiano Escolar. In: **Cotidiano Escolar – emergência e invenção**. Ana Maria Faccioli de Camargo e Márcio Mariguela (orgs.). Piracicaba: Jacintha Editores, 2007.

CARVALHO. Cleide. **Ficar transforma adolescentes em garotas de programa.O** Globo On-line. Disponível em:<http://oglobo.globo.com/sp/papa/mat/2017/14/11/295670237.asp>
Acesso em 14 de Novembro de 2017.

CARVALHO, Michele. TV, estímulo precoce à sexualidade e adolescência. In: VIVARTA, Veet (Org.). **Infância & Consumo: estudos no campo da comunicação**. Brasília: Andi; Instituto Alana, 2009.

_____. GUILHERME CANELA. TV, estímulo precoce à sexualidade e adolescência. In: VIVARTA, Veet (Org.). **Infância & Consumo: estudos no campo da comunicação**. Brasília: Andi; Instituto Alana, 2009.

CRAIDY, Carmem Maria. Org. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre. Ed. Artmed, 2001.

CRUZ, Judite Maria Zमित, **Sexualidade e educação**: Ciência, História, Mito e Arte. Org. Ana Paula Ano. 2010 Moreira Vilela.

FERNANDES. Daniella. **O Cristão e a sexualidade**. Disponível em: <http://regionalevangelico.com.br/o-cristao-e-a-sexualidade/> 2015. Acesso em 28 de Novembro de 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: Vontade de Saber.13. Ed.Trad. Maria. Thereza da Costa Albuquerque J. A Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIUMBELLI, Emerson ET al. **Religião e Sexualidade**: Convicções e Responsabilidades. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL: Diretrizes e Metodologia. 1994. Casa do Psicólogo, São Paulo.

LA TAILLE, Yves. Limites: três dimensões educacionais. São Paulo: Ática, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. (Org.). **Construindo a igualdade na diversidade**: gênero e sexualidade na escola. Curitiba, UTFPR, 2009.

OLIVEIRA, Francisco José Cabral de. DIAZ, Margarita.et al.**Afetividade e sexualidade na educação, um novo olhar**. Secretaria de Educação de Minas Gerais / Fundação Odebrecht, 1998.

ROHDEN, Fabíola. **Gênero, sexualidade e raça/etnia**: desafios transversais na formação do professor. 2009Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742009000100008. Acesso em 17 de Novembro de 2017.

SILVA, Cristiane Gonçalves da. FREITAS, Maria José de. **Orientação sexual, identidades sexuais e identidade de gênero**. Universidade Federal de São Paulo, 2016.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.